

4.1.3 Financeirização: a incerteza do capital

Gleidiane Barros da Silva

Graduanda do curso de Tecnólogo em Gestão Financeira

E-mail: anneles1115@gmail.com

Sabrina Emely da Silva Soares

Graduanda do curso de Tecnólogo em Gestão Financeira

E-mail: sabrinaemely@gmail.com

Vagner de Amorim Palomares

Professor de Economia e Mestre em Administração com ênfase em Inovação. Professor de Economia no Centro Universitário Senac e no Instituto Educacional de São Paulo – IESP.

E-mail: vagner.apalomares@sp.senac.br

COMO CITAR O ARTIGO:

SILVA, G. B.; SOARES, S. E. S.; PALOMARES, V. A. **Financeirização: a incerteza do capital.**

URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.9, n.4, p. 207-238, out/2019

RESUMO

Presente na vida de milhões de pessoas, a financeirização passa despercebida por muitos que não entende como foi gerada a facilidade de locomoção dos capitais que circulam livremente entre os mercados financeiros mundiais. Fundamentada em uma análise exploratória bibliográfica este artigo visa compreender como esse capital circula e como o mesmo impacta na economia. O Objetivo geral desta pesquisa visa compreender como o capital circula pelas economias no processo de globalização financeira. Nos objetivos específicos busca-se, verificar qual origem desse capital e o seu retorno, compreender a volatilidade e especulação dos mercados e suas consequências, quais os malefícios e benefícios que este dinheiro traz. Na justificativa desta pesquisa verifica-se a importância sobre os principais conceitos da financeirização, cuja a velocidade dos recursos financeiros nos dias de hoje é um grande desafio para as autoridades monetárias. Com esse estudo pode-se adquirir conhecimento nas áreas financeiras e monetárias. A globalização financeira pode trazer desenvolvimento para os países periféricos, visto que há uma grande dificuldade em lidar com o excesso e a retração do capital?

Palavras-chave: Financeirização, Globalização, Mercados Financeiros.

ABSTRACT

Present in the lives of millions of people, financialization goes unnoticed by many who do not understand how the ease of locomotion of capital circulating freely among the world's financial markets was generated. Based on an exploratory bibliographical analysis, this article aims to understand how this capital circulates and how it impacts the economy. The objective of this research is to understand how capital circulates through economies in the process of financial globalization. In the specific objectives it is sought, to verify the origin of this capital and its return, to understand the volatility and speculation of the markets and their consequences, what the harm and benefits that this money brings. The justification of this research is the importance of the main concepts of financialization, whose speed of financial resources today is a great challenge for the monetary authorities. With this study one can gain knowledge in the financial and monetary areas. Can financial globalization bring development to the peripheral countries, since there is great difficulty in dealing with the excess and the retraction of capital?

Keywords: Finance - Globalization - Financial Markets.

1. Introdução

A globalização financeira abre espaço para diversas discussões a respeito da velocidade em que os capitais circulam sobre as economias. Em um processo de contínua abertura dos mercados financeiros o dinheiro circula rapidamente mudando de direção conforme os indicadores econômicos e financeiros.

Cria-se uma ruptura de fronteiras a partir dos recursos destinados para as economias do resto do mundo, a livre circulação de capitais traz consequências e desequilíbrios nas balanças comerciais e de pagamentos dos países, razão está que contribuiu para algumas crises financeiras e cambiais a partir dos anos 90.

Esses recursos trazem volatilidade no mercado de câmbio, quando o cenário econômico fica atrativo eles veem e aportam enormes quantidades, fazendo com que a moeda local se valorize. No cenário inverso quando a economia decepciona os agentes econômicos, a primeira variável a sentir esses efeitos é a moeda local que tem sua desvalorização decretada, somem-se os dólares.

O Banco Central por sua vez tem um papel importante na condução da política cambial no país, que entre a oscilação de baixa ou alta da moeda local, atua injetando liquidez no sistema, fazendo com que não seja permitido um descolamento bruto de valorização ou desvalorização da moeda. Evitando assim prejuízos por parte dos agentes econômicos principalmente nas empresas exportadoras e importadoras.

Com a globalização as grandes empresas focaram nos custos de produção mais baratos como parte do aumento de sua margem operacional a fim de ampliar seus lucros, a ideia era produzir através de uma base em que a mão de obra fosse extremamente baixa.

Nos países em que foi possível o alcance dessa mão de obra barata, o fluxo de entrada e saída aconteceu de forma descontrolada devido a sua grande demanda, ocasionando assim um prejuízo nas economias envolvidas.

Segundo Carneiro (1999, p. 5) “ Do ponto de vista das empresas o impacto do ciclo de preços dos ativos nas decisões de gasto também é significativo devido ao crescente peso da riqueza financeira no patrimônio das empresas.

As grandes empresas em virtude desse novo modelo de ampliarem seus lucros viram-se na obrigação de mapear as melhores oportunidades de alocação de recursos, o retorno muitas vezes demora, pois o investimento na economia real é lento, precisa de um prazo maior de retorno.

Na mesma linhagem da globalização, o capital aproveitou-se do momento da abertura das fronteiras e invadiu as economias com enormes quantias de dólares levando produtos financeiros diferenciados. Esse processo que chamamos de especulação nada mais é do que a financeirização. Na financeirização global o capital não tem comprometimento com a economia real dos países e sim com a alavancagem do sistema como um todo propiciando situações adversas de descontrole em momentos de problemas de liquidez na economia.

A financeirização trouxe a armadilha da liquidez, em momentos de crescimento econômico esse capital circula irrigando a economia dando suporte para alguns investimentos, mas quando há uma interrupção desta liquidez, esse capital é o primeiro a deixar os países em desenvolvimento rumo aos desenvolvidos.

A globalização financeira pode trazer desenvolvimento para os países periféricos, visto que há uma grande dificuldade em lidar com o excesso e a retração do capital?

O objetivo geral desta pesquisa visa compreender como o capital circula pelas economias no processo de globalização financeira e suas relações de impacto no desenvolvimento dos países periféricos.

Na justificativa desta pesquisa verifica-se a importância sobre os principais conceitos da financeirização e entender seu impacto na economia mundial onde um capital não comprometido com a realidade traz barreiras ao desenvolvimento dos países periféricos.

Por esse motivo, é relevante que se estude a necessidade de interferências e controle monetário do capital que entra e sai no mercado financeiro global afim de minimizar e limitar seus impactos nos países emergentes.

As principais contribuições teóricas vêm no sentido de pesquisar conteúdos atuais sobre o que os especialistas analisam sobre as teorias monetárias e suas aplicações. Nos dias atuais a volatilidade dos recursos que entram e sai de uma economia, gera uma serie de implicações no qual os Bancos Centrais tem que administrar para que a economia não se abale.

2. Referencial Teórico

Na globalização financeira os recursos funcionam como uma engrenagem para todo o sistema econômico, porém anteriormente funciona de outra forma. O principal meio de troca era o escambo, por ser rudimentar, reduzia a velocidade de trocas dentro do sistema comercial.

Para Wonnacott e Crusius (1985, p.158)

Não havendo moeda, os produtores e consumidores individuais teriam de recorrer a troca direta entre bens (escambo). Contudo, em virtude do escambo ser um processo tremendamente incômodo, naturalmente, desenvolve-se um sistema monetário, ainda que rudimentar, sem a presença de um governo que imita a moeda.

2.1 Acordo de Bretton Woods

A globalização financeira é reflexo macroeconômico do sistema econômico atual, que se depara com a necessidade de uma nova abordagem e significado pela complexidade que o próprio sistema se tornou.

A expansão em reflexo mundial mostra como as fronteiras físicas foram rompidas, e a conexão dos multimercados em escala global alcançadas, sendo também chamado de liberalização financeira. Tal globalização é o resultado principal de dois aspectos: a crescente inovação no mercado financeiro e a intensa atividade no mercado de ativos nos volumes de transações cambiais.

O Acordo de Bretton Woods instaurado no pós-guerra em 1944, tinha como objetivo a “estruturação de um arranjo institucional” e implantar um Sistema Monetário Internacional baseado pelo padrão dólar-ouro. De acordo com Belluzzo (1995, p 12):

Era necessário, antes de tudo, constituir uma ordem econômica internacional capaz de alentar o desenvolvimento, sem obstáculos, do comércio entre as nações, dentro de regras monetárias que garantisse a confiança na moeda-reserva, o ajustamento não-deflacionário do balanço de pagamentos e o abastecimento de liquidez requeridos pelas transações em expansão. Tratava-se, portanto, de erigir um ambiente econômico internacional destinado a propiciar um amplo raio de manobra para as políticas nacionais de desenvolvimento, industrialização e progresso social.

Posteriormente a aplicação do Acordo, novas necessidades surgiram, como suportar as tensões entre os objetivos políticos e econômicos das nações, a fim de promover uma mobilidade internacional de capital com o deslocamento do centro hegemônico mundial, da Inglaterra para os Estados Unidos.

O colapso do sistema de Bretton Woods legitimou a estruturação de um padrão que ganha força superior a produção e ao emprego: o plano das finanças e do capital aberto.

O mercado monetário propôs novos caminhos para o desenvolvimento da financeirização, com a política monetária mais aprimorada e sistemas baseados em créditos, que não necessariamente dominadas pelos bancos comerciais, mas que foram inicializadas pelos os fundos mútuos, fundos hedge, fundos de seguros, dentre outros.

Essas transações com relações diretas entre aplicadores e tomadores, foram se tornando mais comuns em mercados mais sofisticados, oferecendo mais comodidade e segurança. Já em transações cambiais, apresenta-se uma análise relativa no grau de conversibilidade da moeda. O câmbio sempre será referido como sendo o preço da moeda estrangeira.

2.2 Moeda

Segundo Paiva e Cunha (2008, p.236) “Há escolas que consideram que a moeda é um mero instrumento facilitador de trocas, que não afeta a determinação das variáveis econômicas reais, como a produção e o nível de emprego”. A moeda possui algumas funções quando colocada em circulação na nossa economia, além de ser usada como medida de conta, também é um meio de troca e reserva de valor.

Dentro das funções mais utilizadas da moeda, há o meio de troca, o objetivo principal é facilitar o ambiente para que ocorra a troca de mercadorias, bens ou serviços.

Na outra função da moeda, que é a medida de conta, utiliza-se a unidade de real como medida de valor, ou seja, para calcular o quanto valem os produtos e serviços. Além de servir também como reserva de valor, sendo um ativo permanente líquido.

Para Mochón (2007, p. 189) “ A moeda é um modo de manter a riqueza; de fato, tanto as famílias como as empresas costumam conservar parte de seu patrimônio na forma de moeda, pois em comparação aos outros ativos – como ações ou ouro – seu risco é relativamente menor graças à sua plena liquidez”.

Essas funções são importantes para a população, de maneira que esta serve para fortalecer a circulação dos capitais, permitindo a realização de transações de forma mais facilitada e com rapidez. Com tudo, este serviço não é gratuito.

Segundo Mochón (2007, p. 190) “O custo de oportunidade para manter a moeda são os juros que devemos sacrificar para ter moeda líquida em vez de ativos ou investimentos menos líquidos ou mais arriscados, mas que gerariam uma taxa de juros mais elevada”.

Desse modo, sendo a moeda a primeira inovação financeira, tendo sua origem antiga em forma de bens com algum valor para uso nos meios de trocas, observou-se sua evolução, havendo uma substituição desta “moeda-mercadoria” para o papel-moeda, que inicialmente eram representadas através das reservas de metal mantidas em um banco privado (emissor) e eram trocadas quando solicitada pelo proprietário.

Porém essa transição apresentou algumas preocupações com relação à garantia do valor da moeda manipulada pelo emissor.

Otavio Yazbek (2007, p. 73) “As dificuldades para a manutenção da relação entre o valor da moeda e aquele dos metais que lhe serviam de lastro fizeram com que, por diversas vezes, se

restringisse a possibilidade de conversão, estabelecendo um “curso forçado” do papel-moeda”.

De um modo geral, era preciso uma imposição para que fosse cumprida suas funções de forma confiável e justa, garantindo certa tranquilidade para quem possuía o papel-moeda, mesmo que grande parte se encontrasse em poder dos bancos.

A partir de então, o papel moeda começou a ser emitido livremente e utilizado para vários meios, logo após o surgimento de necessidades com um número cada vez maior de países que iam se adequando a esse novo recurso, deixando assim o sistema de lastro em ouro e dando seguimento com os recursos promovidos pelo moeda em papel que ainda assim, inicialmente não parecia obter algum valor, mas era garantido por quem o emitia. Como esclarece Mochón (2007, p.187):

Dadas às características que deve ter a mercadoria que se pretende usar como moeda, podemos comprovar que o papel reúne praticamente todas elas. No papel podemos imprimir o número que quisermos e, assim, torná-lo divisível à vontade. No entanto, pode parecer à primeira vista que o papel não serve como moeda porque seu valor intrínseco é praticamente nulo. No entanto, se o seu valor é referendado por quem o emite, as coisas mudam de figura, pois o valor do papel será o consta impresso nele. Neste caso estaremos diante do que se denomina moeda fiduciária ou moeda de sinal.

Há duas fontes responsáveis pela criação da “moeda”: Os Bancos Comerciais ou Autoridade Monetária e o Governo. O Banco Central é responsável pela “emissão primária” e a colocação de parte dessa moeda em circulação, ou seja, sua oferta. Enquanto a outra parte é oferecida aos Bancos Comerciais, sendo responsáveis pela moeda escritural, que “criam a moeda” sempre que transformas os “depósitos” em “empréstimos”.

2.3 Mercado Monetário

Segundo Troster e Morcillo (1994, p. 57) “Mercado é toda instituição social na qual os bens e serviços, assim como os fatores produtivos, são trocados livremente”, ou seja, onde todas as transações econômicas são realizadas, sob um conjunto de regras na qual essas negociações são feitas.

Dentro da macroeconomia, há duas divisões de Mercado. A parte “real” da economia é composta pelo mercado de bens e serviços, e de trabalho. Enquanto a parte “monetária”, é composta pelo mercado monetário, de títulos e de divisas, conhecido também como mercado de câmbio. Com o objetivo de entender melhor como ocorre a globalização financeira, será dada uma ênfase maior no mercado monetário.

Segundo Vasconcellos e Garcia, (2014, p. 114):

Dado que todas as transações da economia são efetuadas com a utilização de moeda, admite-se também a existência de um mercado monetário. Nesse mercado, supõe-se a existência de uma demanda de moeda (em função da necessidade de transações dos agentes econômicos, ou seja, da necessidade de liquidez) e de uma oferta de moeda, determinada pelas autoridades monetárias e pela atuação dos bancos comerciais. A demanda e a oferta de moeda determinam a taxa de juros. A condição de equilíbrio é dada por: Oferta de moeda = Demanda de moeda.

Ou seja, no mercado monetário as trocas são realizadas usando um elemento em comum, a “moeda”. Nesse mercado determinam-se as taxas de juros e a quantidade de moeda necessária para efetuar as transações econômicas.

No mercado de títulos, há os agentes econômicos superavitários e os agentes deficitários. O primeiro possui uma renda superior aos seus gastos, enquanto o segundo possui gastos maiores que sua renda. No mercado de títulos, os agentes superavitários emprestam para os deficitários, através de vários meios, como: títulos do governo, ações, debentures, duplicatas entre outros, e assim “no mercado de títulos procura-se determinar o preço e a quantidade de títulos”.

A definição construída de Mercado Financeiro é a união desses dois: “Como a taxa de juros é determinada na realidade tanto no mercado monetário como no mercado de títulos, é bastante frequente analisar esses dois mercados conjuntamente, constituindo o mercado financeiro”

Por último, o Mercado Cambial:

Um país realiza uma série de transações com o resto do mundo, que se constituem em mercadorias, serviços e transações financeiras. Para torná-las viáveis, os preços dos diferentes países devem ser comparados e sua moeda deve ser convertida na moeda dos outros. A taxa de câmbio permite calcular a relação de troca, ou seja, o preço relativo entre diferentes moedas. Incorpora-se, então, (...) o mercado cambial.

Na mesma intensidade que ocorre o avanço na economia em escala mundial, também ocorre a mudança no conceito de mercado e adaptação das regras que ocorrem tais negociações. Na nova era, os antigos mercados homogêneos dão lugar às “redes”.

A troca de bens e matérias perde espaço para serviços de admissão a curto prazo e surgem adaptações entre compradores e

vendedores onde ambos saem ganhando com a fácil liquidez. Nesse processo de transição é como se houvesse a terceirização de todos os processos, na mesma proporção que a propriedade perde valor, os serviços ganham.

2.4 Financeirização

A financeirização tem amplas definições, que ainda estão sendo aprimoradas diante das constantes mudanças na globalização. Por ser um fenômeno pertencente ao mercado das finanças, entende-se que há diversos estudos sobre o assunto e que, se conclui que é a movimentação do dinheiro, fazendo a gestão e organização dessa riqueza dentro do capitalismo contemporâneo com acumulação de ativos financeiros. Para Hilferding (1985) a financeirização cria o termo capital financeiro diante dos resultados dos ativos dentro do fluxo em circulação nos bancos, no mercado e na indústria. O capital financeiro agrega duas dimensões com estrutura monopolista, a produtiva e a monetária, com poder de angariar as grandes massas do capital e a valorização delas, trabalhando de forma livre e líquida.

No capitalismo contemporâneo, o capital financeiro aparece movimentando-se sob as diversas plataformas oscilando dentro de muita volatilidade, influenciando nos processos de renda, na geração do lucro bruto, nos processos de capitalização.

Dessa forma, este capital financeiro entende-se por riqueza monetizada mundialmente sob forma financeira.

Deve-se observar de forma mais concreta, o comportamento da moeda ao tornar-se um ativo financeiro e suas propriedades dentro do mercado de capitais, onde apresenta uma macroestrutura

financeira com características que assessoram essa globalização, além de ter a capacidade na disponibilização de crédito e liquidez em geral.

Como explica Braga (1997, p. 224):

A financeirização está embasada em uma macroestrutura financeira, na qual a riqueza crescentemente assume uma dimensão simbólica. A existência funcional do dinheiro como signo supera sua existência material pela criação das quase-moedas, isto é, ativos que podem ser emitidos privadamente e funcionar como meio de pagamento. As quase moedas combinam liquidez e rentabilidade, já que é possível estar quase líquido desfrutando das taxas de juros correntes, que exprimem a liquidez e as expectativas de variação de preços dos ativos financeiros.

A financeirização dispõe de elementos que constituem seu processo: a desregulamentação financeira, a descompartmentalização e a desintermediação, que se deram devido às quedas das pressões feitas pelo mercado financeiro internacional quando prevalecia o regime de Bretton Woods.

Tal regime teve grande responsabilidade nesse processo da desregulamentação que se apresenta no desenvolvimento das transações financeiras globais, transformando o mercado financeiro de forma mais intensa.

Os fatores que levaram a essa desregulamentação foram acontecimentos que surgiram quando o grande volume do capital em começou a ser em dólar, logo após a criação da City Londrina, além dos movimentos de especulação, o fim do padrão ouro-dólar e a flexibilização do mercado de câmbio.

Como explica H. Bourguinat (1992, p. 921):

Permitir gerenciar a instabilidade das taxas de juros e do câmbio, mas, muito mais do que isso, passar de um segmento do mercado (interno) para outro (taxa variável-taxa fixa; mercado à vista-mercado a prazo etc.), e também passar cada vez mais facilmente de uma moeda para outra. O movimento de desregulamentação e as inovações convergiram para dar garantias aos operadores contra a incerteza, e também para lhes permitir fabricarem a divisa que quiserem, e portanto terem, de saída, a ótica multdivisas implicada justamente pela globalização do mercado.

Em seguida o choque do petróleo contribui para este fator em questão, trazendo consequências como o aumento do fluxo dos petrodólares para a City Londrina e aumento da inflação mundial, que desacelerou o consumo causando grande queda no comércio internacional.

Uma série de medidas foram tomadas pelos Estados Unidos, e quando o dólar é recuperado e retoma sua posição no mercado como moeda forte, o sistema financeiro se firma e torna-se líquido e profundo, sendo reserva de valor e com maior grau de liquidez dentro do sistema monetário internacional.

Tais parâmetros que contribuíram nestes acontecimentos e que foram de grande importância nesse marco, foram a flexibilização do mercado de trabalho e o enfraquecimento dos sindicatos.

Já a descompartimentalização, ela pode ser externa e interna. A interna divide o sistema financeiro em várias funções financeiras, o que facilita uma especialização moderna e avançada dos bancos e demais instituições financeiras. A externa, está voltada para inserção dos mercados financeiros e monetários em todo o mundo, se apoiando na liberação dos mercados de câmbio e na abertura dos mercados de títulos públicos e da Bolsa para empresas estrangeiras.

O próximo fator importante no processo da financeirização trata-se da desintermediação. Este elemento trata-se da mudança na forma de realização de empréstimos. O crédito é uma ferramenta que proporciona facilidade para alcançar mais rapidamente certos objetivos, possibilitando desenvolvimento para o capitalismo, além de criar concorrência no mercado financeiro.

Somente os bancos comerciais trabalhavam com essa opção, mas com as desregulamentações, isso foi alterado e outras instituições passaram a oferecer este serviço, atuando como creditícias e obtendo um excelente crescimento desde a desregulamentação.

Com isso, não houve somente a elevação das formas de crédito, surgiram também novos produtos financeiros. Este acontecimento provocou uma abertura para grupos empresariais atuarem no mercado financeiro, criando bancos e valorizando seus ativos em setores específicos da empresa, atingindo de forma positiva seus balanços.

O capital financeiro “moderno” vem sendo constituído como a fusão da forma de juro com a forma de lucro em busca de realização, portanto, de ganhos operacionais bem como financeiro-patrimoniais. Ele é encarnado, com este propósito, no interior das próprias corporações tanto quanto pelos bancos e demais organizações financeiras. (BRAGA, 1993, p. 29)

Todos esses componentes não levariam o capitalismo a tal progressão se não fosse essa demanda de inovações financeiras (produtos financeiros). Através dessa abertura pós liberalização e descompartimentalização com essas novas criações de formas de liquidez financeira e o fim dos bloqueios, há de se observar uma evolução acelerada com novos produtos surgindo a cada instante.

Portanto observa-se que a desregulamentação, a descompartimentalização e a desintermediação soam como três causas dentro do mercado monetário, para o fortalecimento da financeirização e foram fundamentais para o auxílio das inovações financeiras no sistema capitalista, modificando os setores financeiros e econômicos, e fazendo com as finanças se movam para setores mais diversificados e componham um só agente econômico.

2.5 Crises Financeiras e Cambiais

As crises financeiras e cambiais na década de 90 aconteceram de forma sistemática, no mesmo momento em que um país saía da crise, outro logo em seguida entrava. A percepção era

que os governos não estavam preparados ou até não tinham condições para defender suas economias locais.

Porém, os grandes fluxos de capitais especulativos nas economias mais frágeis corroboravam para abrir uma crise cambial com rastros de desvalorizações na moeda local, como muitos empréstimos via Fundo Monetário Internacional (FMI) para trazer aos investidores confiança na economia local.

Para Canuto (2000, p.25):

A crise financeira asiática de 1997-98 foi surpreendente não apenas pelo alcance global de seus desdobramentos, como pelo fato de ocorrer em uma região que se tornara, pouco antes, uma referência mundial em termos de crescimento econômico rápido e sustentado.

Na crise asiática a grande saída de capitais especulativos dos países no leste asiático provocou efeito dominó nos mercados financeiros globais, causando grandes desvalorizações das moedas e problemas econômicos para os países, como o aumento das dívidas públicas, alto desemprego e o esvaziamento dos investimentos estrangeiros.

Segundo Canuto, (2000, p.26) “Os fluxos de capital para a Ásia mudaram de um ingresso de US\$ 93 bilhões em 1996 para uma saída de US\$ 12 bilhões em 1997, com a virada se concentrando na segunda metade deste ano.” Para Aldrighi e Cardoso (2009):

Crises financeiras podem ser entendidas como um agravamento desses problemas de informação, acarretando quedas bruscas nos preços dos ativos, inadimplências e falências de empresas não financeiras, e dificuldades e mesmo falências de instituições financeiras, com inevitáveis

repercussões sobre a renda e o produto. Em geral, as crises financeiras sucedem um período de forte valorização nos preços dos ativos, deflagrada pela liberalização financeira, em particular por maior facilidade de acesso dos bancos aos mercados internacionais de capitais, ou por políticas monetárias e de crédito permissivas.

Esse movimento de liberalização financeira ou financeirização acaba permitindo um fluxo muito forte em períodos de crescimento econômico, a entrada descontrolada acaba por prejudicar a economia, pois a economia local sofre os impactos da volatilidade dos preços dos ativos.

Para Kaminsky e Reinhart (1999),

As crises bancárias são, geralmente, precedidas por uma liberalização financeira e/ou por maior liquidez internacional, e seu início precede as crises cambiais, que, por sua vez, agravam os problemas do setor bancário devido à depreciação da taxa de câmbio e ao aumento nas taxas de juros, empreendido com o intento de estabilizar a taxa de câmbio.

3. Metodologia

Neste trabalho o foco da pesquisa baseia-se através da pesquisa descritiva no qual delimita-se sobre a necessidade de buscar informações já pré-estabelecidas para compor a base de análise de dados.

O caminho trilhado para chegar aos objetivos propostos foi o levantamento de dados de como o capital circulou pelas economias periféricas na época que o custo dos recursos estava em níveis muito baixos, possibilitando a ponte dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento.

O universo desta pesquisa engloba dados estatísticos pesquisados de fontes de bancos centrais que organizam dados financeiros e econômicos a fim de propor possíveis análises sobre as condições da economia.

As bibliografias pesquisadas fundamentaram-se no referencial teórico sobre temas pertinentes ao objetivo proposto, verificando nos autores o conteúdo da volatilidade dos mercados financeiros, oscilações dos juros e moeda e seus malefícios ou benefícios sobre a economia real.

O principal instrumento da pesquisa foi a observação e interpretação dos dados coletados objetivando a resposta da pergunta norteadora da pesquisa que foi a globalização financeira traz desenvolvimento para os países periféricos.

Nesta observação a principal linha de raciocínio foi a leitura de que as crises financeiras e cambiais têm uma característica de como se comportam e de quanto em quanto tempo aparecem, no qual proporcionou uma metodologia de estudo e obtenção dos dados para análises.

4. Análise dos resultados

A pesquisa feita evidencia que a financeirização foi determinante para o excesso de capital no sistema financeiro internacional e este capital, foi onde lhe dava mais retorno em detrimento dos riscos.

No gráfico abaixo vemos que a taxa de juros americana está muito baixa no começo de 1994, em média 3,5% a.a e vai

aumentando até chegar em 5,5% a.a no final do ano, o capital vai atrás de maiores retornos, mesmo sabendo dos elevados riscos que corre, os investidores migram seus recursos proporcionando altas volatilidade nos mercados financeiros.

Gráfico 1 – Taxa de Juros nos E.U.A

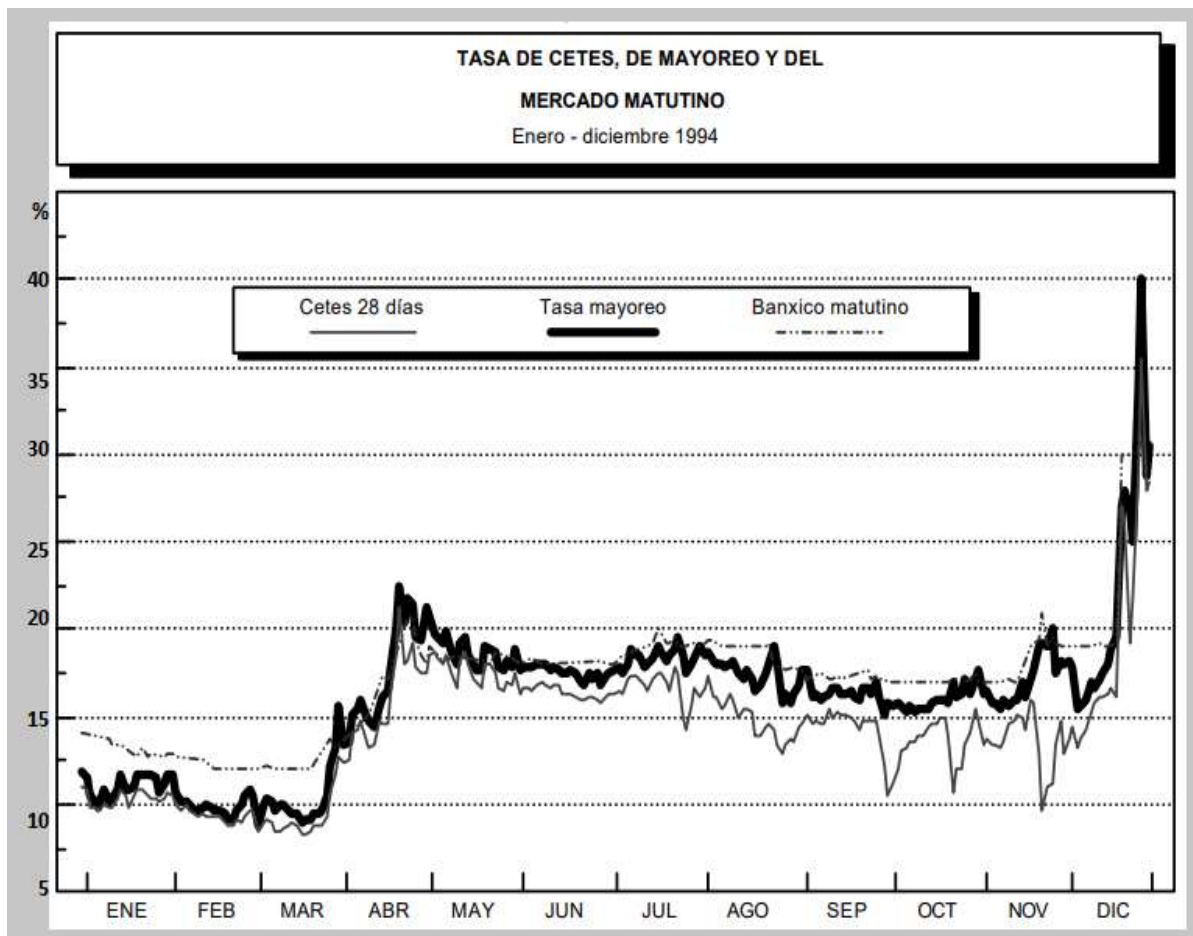


Fonte: Board of Governors of the FED

Comparar as rentabilidades dos títulos públicos é essencial para o entendimento da volatilidade dos fluxos visto que isso incorpora a sensação de stress do mercado financeiro diante das crises, esses capitais “especulativos” não tem comprometimento com o crescimento dos países onde esses recursos são aplicados, eles simplesmente vêm e voltam ao seu país de origem num momento de crise.

Em 1994 com a crise da Tequila, o México experimentou uma grande volatilidade em sua moeda, fruto da especulação cambial contra uma moeda fragilizada por problemas econômicos. Diante disso vemos no final de 1994 a disparada da taxa de juros mexicana para tentar frear a saída de capital vista no gráfico 3.

Gráfico 2 – Taxa de Juros do México em 1994



Fonte: Relatório Anual Monetário Mexicano – 1994

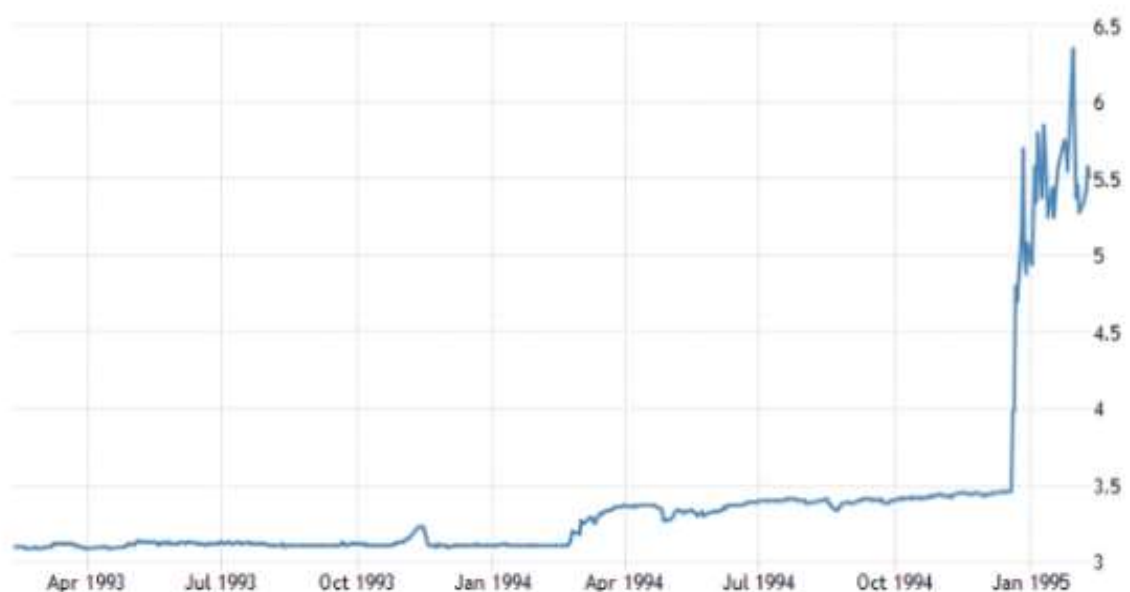
Os malefícios dessa ruptura do capital não comprometido com o país periférico é o descontrole da taxa de juros proporcionando uma alta significativa vista no gráfico 2, a taxa de juros média naquele momento salta do início de 1994 de 10% para 20% de abril

a novembro e em dezembro ela dispara para 40%. Isso traz um desarranjo em toda estrutura de contas do governo, as reservas diminuem em detrimento das intervenções do banco central para conter a desvalorização da moeda.

Em outra frente com os juros nestes patamares de 40% o custo do dinheiro para todo o sistema econômico fica mais caro, retraindo as captações por parte das empresas que inibem os investimentos, aumentando o desemprego e a perda de renda por parte da população.

A saída de dólares força a desvalorização da moeda nacional o peso mexicano é verificado no gráfico abaixo, o pânico dos investidores que entram nos países para especular é visível, eles vão ao mercado de câmbio e compram dólares para novamente enviar recursos para seu país de origem.

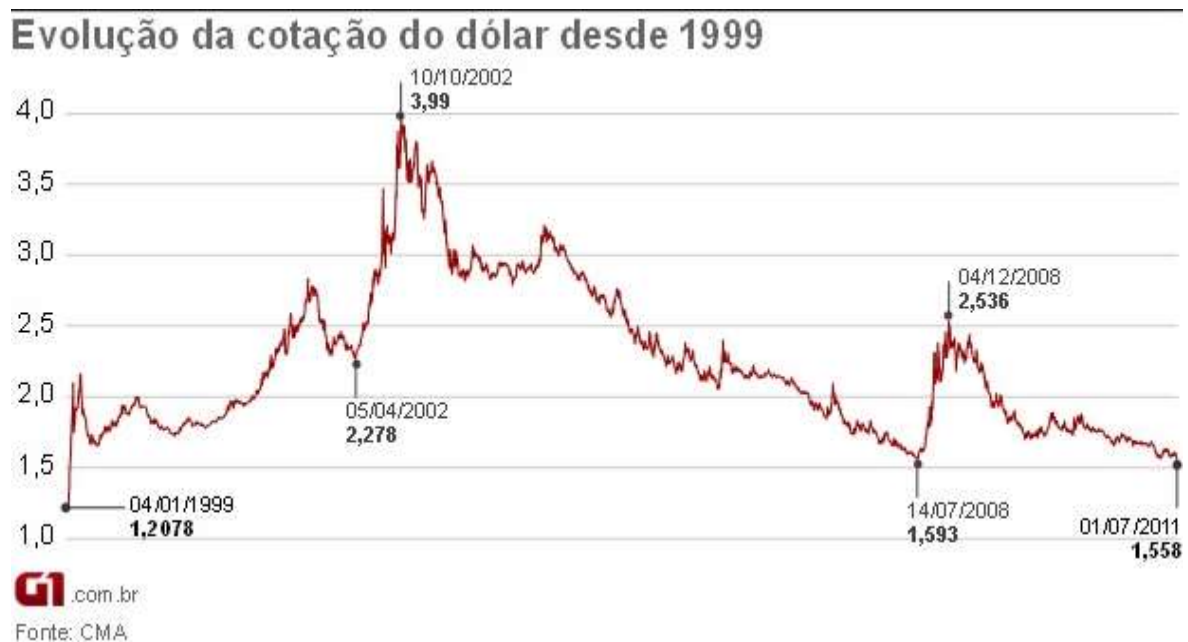
Gráfico 3 – Taxa de Câmbio Mexicana entre 1993-1995 – Maxidesvalorização



Fonte: Source-Trandingeconomics.com

No Brasil o efeito do capital especulativo advindo da financeirização fica bem claro na desvalorização cambial de 1999 quando o Banco Central brasileiro resolver não intervir de forma agressiva para tentar conter a desvalorização do real, com isso a moeda dispara de R\$ 1,20 para R\$ 2,10 em poucas semanas.

Gráfico 4



É nítido nos movimentos de crises financeiras ou cambiais a desvalorização local da moeda em detrimento do dólar, na situação de desequilíbrio dos mercados, os investidores especulativos fazem com que as saídas de dólares sejam muito maiores do que as entradas.

Neste gráfico vemos que a variação do PIB brasileiro é de queda desde a crise do México isso corrobora com as afirmações que o capital financeirizado vai embora e deixa os países em situações difíceis, a queda do PIB de 1994 para 1999 é muito forte,

saindo de uma alta de 5,85% para 0,25 % de crescimento, com isso a perda de emprego é substancial, mas queda nas reservas internacional e o país tem que aumentar os juros para tentar segurar a fuga de capitais, proporcionando descompasso entre a atividade produtiva.

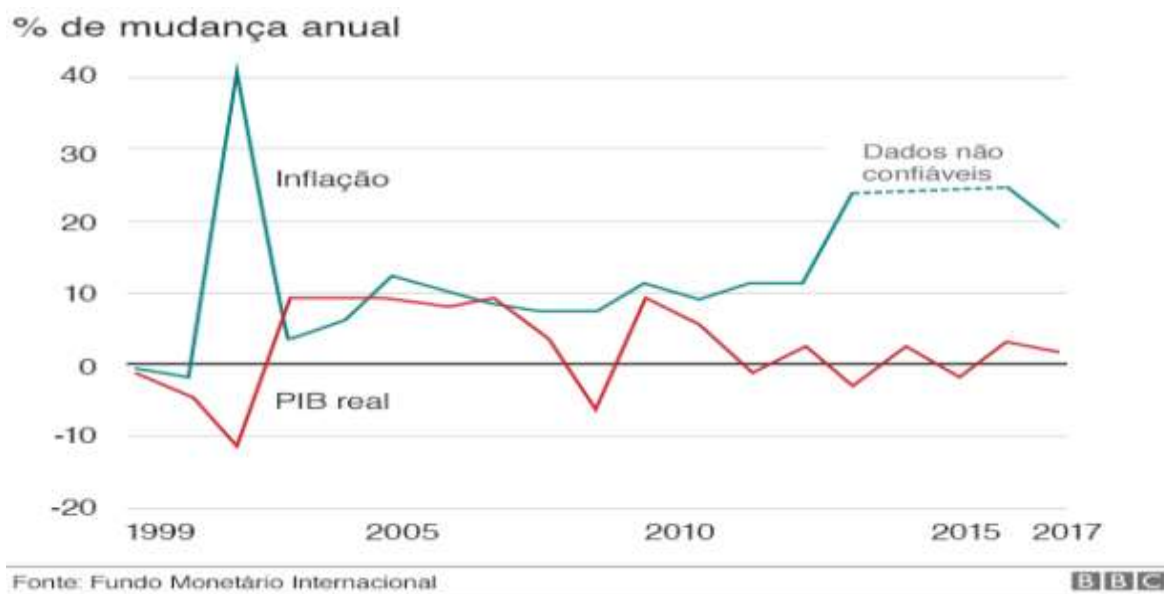
Gráfico 5 – PIB Brasileiro



Fonte: IBGE

Na Argentina em 2001 ocorre o mesmo problema, o país sofre a especulação dos recursos oriundos do excesso do dinheiro no mundo e num primeiro momento em que o país entra na crise, a inflação dispara os juros também e as consequências é vista neste gráfico no qual o país tem queda real do PIB em menos de (10%) a.a, isso traz desemprego, falta de investimentos, governo sem recursos para os investimentos básicos na economia.

Gráfico 5 – Inflação e PIB - Argentina

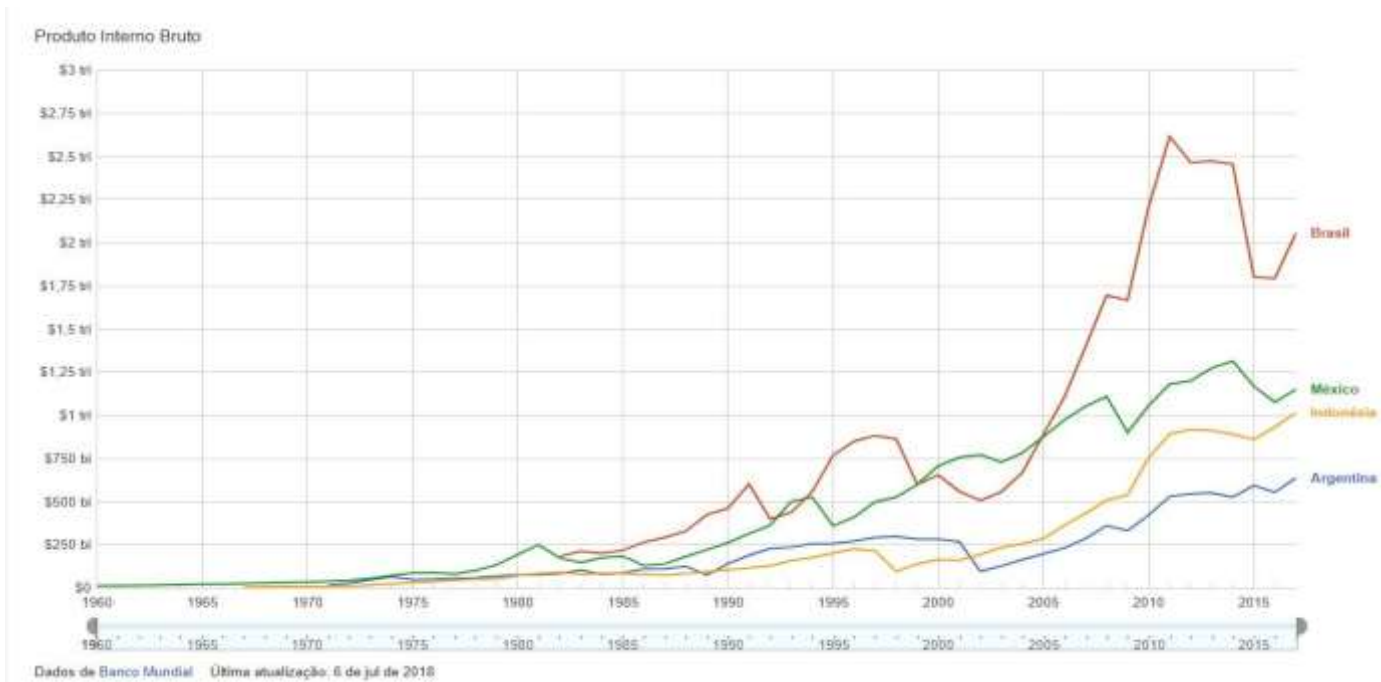


5. Considerações finais

Durante o presente estudo, podemos compreender o efeito da financeirização do capital que hoje existe no mundo. Desde as movimentações das moedas de escambo até as atuais. Com as atualizações pós acordo de Bretton Woods, a entrada do padrão dólar-ouro foi um pequeno empurrão para novas moedas e novas negociações, ajudando a promover certo crescimento financeiro para os países, havendo a inserção dos bancos e do mercado capitais.

Houve diversas situações onde claramente observamos a circulação do capital, até mesmo nas crises mencionadas, onde

vimos crescimentos o dólar subir em questões de minutos, levando a falência diversas empresas. Nesta situação de pânico do mercado financeiro , o dinheiro mantém seu fluxo de saída, assim como apresenta o gráfico a seguir, o PIB nos anos da crise, apresentando crescimento somente nos anos posteriores ao caos.



As crises financeiras oriundas deste fluxo de recursos trouxeram facilidade para a circulação deste dinheiro no mundo, com isso os países periféricos ficaram vulneráveis a entrada e saída destes recursos principalmente os especulativos, o dinheiro quer retorno máximo, mas a segurança também tem sua precificação, em momentos de crises estes recursos era o primeiro a deixar os países.

Com a saída repentina destes fluxos os países tinham que impor aumento em suas taxas de juros para valores que prejudicavam imediatamente sua economia real, prejudicando

famílias e empresas fazendo o custo do dinheiro aumentar significativamente.

No México e posteriormente no Brasil no desenrolar da crise as taxas de juros no México saiu de uma taxa média de 10% a.a para 20% a.a em média para mais de 40% a.a no auge da crise, no Brasil no ano de 1.999 no auge da crise cambial o país teve que aumentar sua taxa de juros para 45% a.a para tentar segurar fluxo de saída cambial.

Isso corrobora para a resposta da nossa pergunta que fica evidente que a financeirização trouxe mais prejuízos as economias periféricas do que benefícios, por que o capital que tem comprometimento com o país ele vem e fica, mas o capital especulativo fruto da financeirização global ele não é comprometido.

Nas economias periféricas passada a crise o que fica é um sinal muito evidente da desordem econômica provocada por subidas abruptas dos juros e do câmbio, provocando um movimento longo de ajustes econômicos que provocam desemprego, desestruturação da política monetária, cambial e fiscal.

Gráfico 4 – Evolução do Peso Mexicano 1994-2018



Fonte: <http://www.banxico.org.mx/apps/gc/tipo-cambio-grafica-coyuntura.html>

Neste gráfico abaixo vemos que no México depois da crise da tequila a moeda mexicana o peso nunca mais voltou para o seu patamar de preço antes do momento pré-crise e sim depois só piorou a desvalorização da sua moeda, saindo de um patamar de 5 pesos por dólar para mais de 20 pesos por dólar em 2018.

No Brasil não foi diferente depois da crise de 99 o país não conseguiu segurar sua moeda num patamar mais próximo do momento pré-crise. O capital veio especulou e foi embora depois da crise deixando rastro de altas taxas de juros, governo endividado e alto desemprego.

A financeirização advém de dinheiro com custo baixo nos países desenvolvidos e redistribuídos nos países com melhores

retornos para esse dinheiro, mas isso tem um alto preço para os países que admitem a entrada desses recursos sem o comprometimento deles ficarem em momentos de crises.

Seria preciso leis que fizesse que esses recursos advindos da especulação financeira dos mercados financeiros não oscilassem assim, isso traria um equilíbrio para os países periféricos em suas finanças possibilitando o desenvolvimento econômico sólido.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI; CARDOSO. **Crises cambiais e financeiras: uma comparação entre América Latina e Leste Asiático**. Campinas: Economia e Sociedade, 2009.

BRAGA, J. **A financeirização da riqueza**. Campinas: Economia e Sociedade, 1993.

BRAGA, J. **Financeirização global – o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

BELLUZZO, L. **O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados “globalizados”**. Campinas: Economia e Sociedade, 1995.

CANUTO, O. **A crise asiática e seus desdobramentos**. Econômica, Texto para Discussão, pp.25-60, 2000.

CARVALHO, F. **Bretton Woods aos 60 anos**. Texto para Discussão. Rio de Janeiro, 2004.

CARNEIRO, R. **A globalização financeira: origem, dinâmica e perspectivas**. Texto para Discussão. Campinas, 1999.

CHESSAIS, F. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

HILFERDING, R. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

KAMINSKY; REINHART. **The Twin Crises: The Causes of Banking and Balance-of-Payments Problems**. Article in [American Economic Review](#), 1999.

MOCHÓN, F. **Princípios de Economia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

OLIVEIRA; MAIA; MARIANO. **O Sistema de Bretton Woods e a dinâmica do sistema monetário internacional contemporâneo**.

São Paulo: PESQUISA & DEBATE, SP, volume 19, número 2 (34) pp. 195-219, 2008.

PAIVA; CUNHA. **Noções de Economia**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

SILVA; MARTINELLI. **Introdução à Economia**. Curitiba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- Paraná, 2012.

TROSTER, R. **Introdução à Economia**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2002.

VASCONCELLOS, G. **Fundamentos de Economia**, São Paulo: Saraiva, 2014

WONNACOTT; CRUSIUS. **Introdução a Economia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1985.

YAZBEK; OTAVIO. **Regulação do mercado financeiro e de capitais**. Rio de Janeiro: Campus, 2007.